

## 5 O caminho metodológico percorrido

### 5.1. Os métodos

Pesquisa para constatar, constatando,  
intervenho, intervindo educo e me educo.

Paulo Freire

Trata este item do estudo do caminho metodológico percorrido para dar conta da busca de conhecer o “mundo da vida”<sup>272</sup> dos familiares que cuidam dos idosos com necessidade de oferta de cuidados, que são atendidos no Setor de Geriatria do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro e, que, por nosso pressuposto não encontram proteção do ponto de vista de Políticas Públicas para apoiá-los na execução desses cuidados. Pressupomos também, que esta circunstância faz com que o controle seja perdido e passem a existir condutas que revelem situações de violência, de negligência ou de maus tratos, enfim de risco para essas pessoas idosas.

O Ambulatório de Geriatria do HUCFF da UFRJ foi escolhido para cenário deste estudo, por ser um Setor criado para prestar assistência aos idosos e, que desde 1997 tem desenvolvido ações que visam observar a Política Nacional do Idoso, especialmente naquilo que diz respeito à Política Nacional de Saúde do Idoso. O Setor privilegia os aspectos biológicos, psicossociais e culturais do envelhecimento, dando aos idosos uma assistência dentro dos moldes

---

<sup>272</sup> **Mundo da vida** – também mundo da vida cotidiana significa o mundo intersubjetivo que existia muito antes do nosso nascimento, vivenciado e interpretado por outros, nossos predecessores, como um mundo organizado. É a cena e também o objeto de nossas ações e interações, nesse sentido, é algo que temos que modificar, através de nossas ações, ou que modifica nossas ações. WAGNER, H. Fenomenologia e relações sociais. Zahar Editora. RJ. 1979, pp. 70-71.

interdisciplinares de atenção, com sistematização de assistência prioritária também à família e aos cuidadores dos idosos atendidos no Setor.

Os componentes da equipe do Setor procuram desenvolver atividades que visam eliminar paradigmas e preconceitos sobre o envelhecimento, e preservar a autonomia e a independência dos idosos, além do incremento de outras atividades, entre elas, aquelas que se relacionam a grupos que objetivam a participação dos familiares em reuniões de ajuda mútua, especialmente elaboradas para os cuidadores de idosos com demência. No que diz respeito às ações educativas elas fazem parte do cotidiano do trabalho com esse segmento da população.

Os participantes do Setor são pessoas com 60 anos ou mais que apresentam questões de saúde relacionadas ao envelhecimento.

É prudente explicar a motivação do uso que faremos das escalas como fontes complementares na busca do conhecimento do “mundo da vida” dos cuidadores. Inicialmente, por serem consideradas fontes primárias, visto que são reveladoras do perfil do idoso e ao mesmo tempo da necessidade de oferta de cuidado, assim como, por nos oferecer a realidade dos cuidadores do ponto de vista do estresse e da sobrecarga pela execução diária de cuidado.

Para Le Goff (1996) as fontes primárias e secundárias fazem parte da memória coletiva e da história, pois são monumentos, heranças do passado, documentos. Desse modo, ele afirma que “atendendo as suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os escritos”<sup>273</sup>.

O “mundo da vida” pode ser compreendido, entre outros, pelas características do cuidado ofertado no domicílio do ponto de vista daquele que cuida, visto que se trata de relações interpessoais; da própria manifestação de como se dá esse cuidado, por se assemelhar à necessidade de realização de planos, sobre o desvelar das dimensões que são assumidas quando da execução do cuidado. Têm lugar ainda, no “mundo da vida”, no nosso entendimento, as estratégias encontradas pelas famílias para a execução e ultrapassagem das dificuldades para esse encargo, na medida em que nelas, nas estratégias, estão fincadas toda sorte de atitude que se possa arquitetar ou planejar.

---

<sup>273</sup>Le Goff, J. Documento e monumento. *In: História e memória*. Tradução de Irene Ferreira et al. Editora da Unicamp. Campinas. 1996, p. 535.

Desse modo, percorremos uma trajetória metodológica, que conforme aponta Minayo <sup>274</sup> (1998) trata-se, na verdade, de “um caminho e o instrumental próprios da abordagem da realidade”. Neste sentido, cabe então ao pesquisador empregá-lo com responsabilidade e exatidão na descrição da mesma.

Intenções reveladas, prosseguimos descrevendo que método selecionamos; o local do estudo; os sujeitos e os critérios de inclusão dos mesmos; além dos princípios éticos norteadores; as técnicas de obtenção dos constituintes, os instrumentos do estudo, não necessariamente nesta ordem, e por fim, a apreciação e compreensões do que se chegou dos dados.

O trabalho proposto tem por finalidade buscar compreender a complexidade do fenômeno descrito acima, através de uma abordagem qualitativa, tendo como sujeitos da pesquisa os cuidadores, e como eles apreendem, observam, sentem e reagem em relação a sua função de cuidador de um familiar idoso e, diante, desses elementos, seu sentido de cuidador, e sua relação com o processo de cuidar, expondo seu modo de caminhar a vida, além da revelação da proteção encontrada para esse fim. Voltamos a lembrar de que o emprego da pesquisa qualitativa se dá pela razão da mesma permitir reconstruir aquilo que representa o que constitui a vivência das relações objetivas pelos atores sociais e que lhe atribuem significados conforme Minayo (1998).

## **5.2. Caracterização do estudo**

Trata-se, portanto, de um estudo de natureza qualitativa, visto que a intenção é investigar para compreender questões que consideramos, não devem e não podem ser quantificadas, uma vez que fazem parte de um universo atravessado de intersubjetividades como valores, crenças, costumes e sentimentos – fenômenos, como Minayo (2008) distingue – como aqueles que não são reduzidos à operacionalização de variáveis.

E complementa afirmando que:

---

<sup>274</sup>Minayo, M. C. de S. O desafio do conhecimento. Editora Hucitec. SP. 1988, p. 22.

O certo é que o campo científico tem suas regras para conferir o grau de cientificidade ao que é produzido dentro e fora dele. Suas atividades caminham sempre em duas direções – numa, elabora suas teorias, métodos, princípios e estabelece resultados. Noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e orienta-se por novas rotas. Ao se enveredar nesse *terceiro mundo*, os cientistas aceitam as condições instituídas e, ao mesmo tempo, o caráter de historicidade e provisoriedade peculiar do universo em que decidiram investir sua vida.<sup>275</sup>

Minayo (2008) trata da discussão crítica sobre métodos quantitativo e qualitativo que se coloca nas pautas de discussão quanto às possibilidades de dissensos e consensos na combinação entre os dois métodos. Desse modo a autora inicia suas argumentações apontando que:

O CONHECIMENTO CIENTÍFICO se produz pela busca de articulação entre teoria e realidade empírica. O método tem uma função fundamental: tornar plausível a abordagem da realidade a partir das perguntas feitas pelo investigador. (...) Ao se desenvolver uma proposta de investigação e no desenrolar das etapas de uma pesquisa, o investigador trabalha com o reconhecimento, a conveniência e a utilidade dos métodos disponíveis, em face do tipo de informações necessárias para se cumprirem os objetivos de trabalho.<sup>276</sup>

Em sua opinião: “propriedades numéricas e qualidades intrínsecas são atributos de todos os fenômenos, como lembra Kant (1980). No entanto, historicamente, predominam estudos de ordem quantitativa do social, deixando à sombra questões de significado e de intencionalidade”. E, conclui: “dirige-se ao reducionismo na avaliação da realidade social”<sup>277</sup>.

As reflexões desenvolvidas até o momento apontam os principais argumentos na defesa da utilização do método qualitativo nos estudos da realidade social, especialmente pelo que invade de possibilidade o conhecimento da intersubjetividade que compõe o “mundo da vida” dos sujeitos que a constroem.

Adotamos Berger e Luckmann (1983) para prosseguir com este item do estudo, inicialmente por tratar-se de autores com os quais temos nos apoiado ao longo da história dos nossos estudos, entre eles na elaboração da Dissertação de Mestrado intitulada “A tipificação do ato profissional do assistente social” defendida em maio de 1984. E, depois porque não há como não concordar com os autores que os métodos compreensivos respondem melhor as aspirações de

<sup>275</sup>Minayo, M. C. de S. O desafio do conhecimento. 11ª edição. Editora Hucitec. SP. 2008, p. 36. (Grifo da autora).

<sup>276</sup>Idem, p. 54. (Grifo da autora).

<sup>277</sup>Idem, p. 55.

apreensão de uma dada realidade. Para os autores: “o método que julgamos mais conveniente para esclarecermos os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana é o da análise fenomenológica, método puramente descritivo, e como tal “empírico”, mas não “científico”, segundo o modo como entendemos a natureza das ciências empíricas”<sup>278</sup>.

A fenomenologia estuda a realidade aspirando sua descrição, sua apresentação tal como ela é em sua experiência legítima, sem a intenção de incrementar-lhe modificações essenciais, no sentido de intencional transformações. E, mais, o contexto cultural onde os fenômenos se apresentam permite, através da sua compreensão, constituir perguntas, discussões e pressuposições, além de uma procura das significações da intencionalidade dos sujeitos frente à realidade que se descobre e desvela.

Capalbo<sup>279</sup> (1990) compreende a fenomenologia como:

Ciência descritiva, rigorosa, concreta, que mostra e explicita que se preocupa com a essência do vivido. Ela é uma ciência eidética material, pois os vividos intencionais dão forma aos conteúdos pela significação. Por se referir à essência pode-se dizer ainda que a fenomenologia é uma ciência que se refere ao possível como uma modalidade da existência humana, enquanto esta se apresenta como um poder ser e realizadora de projetos existenciais de natureza pessoal ou social.

Retornando a Berger e Luckmann, estes são ainda os autores que nos proporcionam um conjunto de motivações, que por isso mesmo permitem que mantenhamos o nosso foco no método proposto. Para eles: “a análise fenomenológica da vida cotidiana, ou melhor, da experiência subjetiva da vida cotidiana abstém-se de qualquer hipótese causal ou genética, assim como de afirmações relativas ao *status* ontológico dos fenômenos analisados”<sup>280</sup>.

Então, pode-se entender, de acordo com essas argumentações, que por fenômeno, no sentido mais amplo e originário, compreende-se tudo o que aparece que se manifesta ou que se revela.

<sup>278</sup>Berger, P. & Luckmann, T. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 5ª edição. Editora Vozes. Petrópolis/RJ. 1983, p. 36.

<sup>279</sup>Capalbo, C. Fenomenologia e Serviço Social. In: Debates Sociais – Publicação semestral do Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais – CBCISS. Nº 38. Ano XX. 1º semestre. 1984. RJ, p. 31.

<sup>280</sup>Berger, P. & Luckmann, T. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 5ª edição. Editora Vozes. Petrópolis/RJ. 1983, p. 37. (Grifo dos autores).

Voltando a Berger & Luckmann <sup>281</sup> (1983), os autores chamam a atenção para o fato de que: “exagerar a importância do pensamento teórico na sociedade e na história é um natural engano dos teorizadores. Isto torna, por conseguinte ainda mais necessário corrigir esta incompreensão intelectualista”. Outro aspecto observado por eles é que: “as formulações teóricas da realidade, quer sejam científicas ou filosóficas quer sejam até mitológicas, não esgotam o que é “real” para os membros de uma sociedade” <sup>282</sup>.

Discorremos anteriormente sobre a problematização dos autores quanto ao conhecimento na vida cotidiana, desse modo, convém mostrar como essa vida cotidiana se apresenta para eles: “ela apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” <sup>283</sup>. Prosseguindo, na opinião dos autores:

O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles. <sup>284</sup>

Em presença do que se apontou assumir a orientação compreensiva como horizonte investigativo significa aceitar como certa a existência do mundo da vida cotidiana. Daí, que tomamos como adequada a escolha de caminhar pelos trilhos de uma metodologia compreensiva como modo de descobertas, ou melhor, como modo de conhecer o mundo da vida vivido pelos cuidadores das pessoas idosas mencionadas anteriormente.

Não há como não concordar com Minayo (2008) na sua referência às modalidades de abordagens compreensivas como modo de conhecer, em especial a fenomenologia sociológica, tanto a do “*ser-no-mundo*”, quanto a do “*mundo-da-vida*”, embora em graus diferentes, tomam do mesmo modo o tema do mundo, da linguagem e da racionalização como campos fundamentalmente intesubjetivos.

Para a autora dentro do eixo argumentativo da sua obra, a fenomenologia “é considerada, dentro das Ciências Sociais, a Sociologia da Vida Cotidiana”.

---

<sup>281</sup>Idem, p. 30.

<sup>282</sup>Idem. (Grifo dos autores).

<sup>283</sup>Idem, p. 36.

<sup>284</sup>Idem.

Ainda é Minayo<sup>285</sup> (2008) que considera que: “nas Ciências Sociais, Alfred Schütz (1964; 1971; 1979; 1982) é o representante mais significativo do pensamento fenomenológico”<sup>286</sup>. Consequentemente, a autora chama atenção para o fato de que:

A fenomenologia da *vida cotidiana* trabalha com o fato de que as pessoas se situam na vida com suas angústias e preocupações, em intersubjetividade com seus semelhantes (companheiros, predecessores, sucessores e contemporâneos) e isso constitui a existência social, por isso, o espaço e o tempo privilegiados nessa teoria são a vida presente e a relação face a face.<sup>287</sup>

E, por considerarmos sólidas as argumentações feitas pelos autores empregados persistimos na intenção da aplicação de métodos que nos permitam a compreensão da vida cotidiana, ou melhor, do mundo da vida presente na relação face a face.

Ainda é Minayo (2002) que diz que a “pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”<sup>288</sup> (...) visto que “trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”<sup>289</sup> (...), daí que a pesquisa qualitativa “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”<sup>290</sup>.

Pode-se entender que também uma pesquisa quantitativa não será mais objetiva ou mesmo mais eficaz ou mais eficiente, do ponto de vista da objetividade, que uma pesquisa qualitativa.

O nosso próximo passo será identificar os instrumentos que foram utilizados durante a execução da pesquisa, como: ***a entrevista compreensiva e o grupo focal numa perspectiva de encontro.***

<sup>285</sup> Minayo, M. C. de S. O desafio do conhecimento. Idem, p. 143 1ª edição. Editora Hucitec. SP. 2008.

<sup>286</sup> Idem, p.143.

<sup>287</sup> Idem. . Grifo da autora.

<sup>288</sup> Minayo, M. C. de S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. In: Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. Minayo, M. C. de S. 21ª edição. Editora Vozes. Petrópolis/RJ. 2002, p. 22.

<sup>289</sup> Idem.

<sup>290</sup> Idem.

### 5.3. Entrevista compreensiva

ENTREVISTA, TOMADA no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo.

Minayo (2008)<sup>291</sup>

A epígrafe que dá início a este eixo do estudo é reveladora e ao mesmo tempo alentadora para os que se introduzem no mundo da pesquisa, visto que, ela pode ser considerada como a própria autora sugere como:

Acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destina a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista um objetivo<sup>292</sup>.

A configuração de entrevista pretendida neste estudo se firma no desenho de *entrevista semi-estruturada*, onde o entrevistado tem a probabilidade de conversar a respeito do tema em questão sem se atrelar à pergunta formulada, e mais, o uso da entrevista compreensiva ocorrerá, por pressupormos que, por meio da narrativa dos sujeitos, conheceremos seu modo de caminhar a vida, além de sua cultura, valores e hábitos, entre outros.

A entrevista compreensiva é uma metodologia que foi desenvolvida pelo sociólogo francês Jean-Claude Kaufmann,<sup>293</sup> (1996) que a apreendeu como sendo um tipo de entrevista que leva a uma ruptura progressiva com o objeto de pesquisa, em oposição relativa com o senso comum dentro de um processo cíclico entre a compreensão, a escuta atenta, o recuo do pesquisador e a análise crítica. É na constituição da análise da narrativa que o pesquisador no uso da entrevista

---

<sup>291</sup>Minayo, M. C. de S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11ª edição. Editora Hucitec. SP. 2008, p. 261.

<sup>292</sup>Idem.

<sup>293</sup>Kaufmann, J. C. L'entretien compréhensif, Paris, Editora Nathan. Paris/FR. 1996.

compreensiva configura-se com o que denominou Mills <sup>294</sup> (1982), um *“artesão intelectual”* no movimento de construção e reconstrução de seu objeto de análise.

O *“artesão intelectual”* de Mills é aquele pesquisador que tem a capacidade intelectual de dominar e de dar personalidade aos instrumentos e à teoria dentro de um projeto concreto de pesquisa. Ainda é, ao mesmo tempo, o homem de *“campo”*, o *“metodólogo”* e o *“teórico”* que se recusa a se deixar dominar seja pelo campo, pelo método ou pela teoria.

Emprega-se a entrevista compreensiva como fonte de compreensão do modo como os sujeitos vivenciam o seu cotidiano, e em determinadas ocorrências ou mudanças durante sua vida, no caso deste estudo, elas devem relacionar as mudanças e ocorrências ao seu papel de cuidador de um familiar dependente e sem autonomia suficiente para caminhar seu próprio modo de viver a vida e, mais, que se se revele o modo como o cuidador foi “atropelado” por esta nova realidade.

Trata-se, pois de um diálogo, de uma conversa intencional, como Minayo (2008) aponta. Na entrevista encontra-se subjacente um contrato entre o pesquisador e o entrevistado, daí que nossa intenção é que nessa relação se revele ao mesmo tempo respeito e busca de materialidade de uma narrativa.

A abordagem metodológica escolhida é a conjugação entre a entrevista compreensiva e a entrevista semi-estruturada, uma vez que consideramos que a escolha de uma metodologia de pesquisa se dá dentro de um conjunto de experiências, do modo como sugere Josso <sup>295</sup> (2002). E, nesta experiência admitimos colocar ainda nossas angústias, temores, e os modos buscados para o enfrentamento de situações do cotidiano prático, e do dia-a-dia do pesquisador.

Uma última observação está relacionada aos limites da transposição das narrativas, visto que se crê que as mesmas sejam atravessadas por sentimentos e emoções, nas palavras que as transcrevem como bem revela Paulilo (2009). Para a autora este limite é apontado por Queiroz <sup>296</sup> (1988) de modo muito claro, quando descreve a dificuldade de transformar o *“indizível”* em *“dizível”*.

O que se pode apreender é que embora a tentativa de fazer com que a narrativa seja descrita o mais fiel possível, ainda assim, há que se recordar que:

<sup>294</sup>Mills, C. W. Do artesanato intelectual. In: a imaginação sociológica. Mills, C. W. 6ª edição. Zahar Editora. RJ. 1982, pp. 211-243.

<sup>295</sup>Josso, M. C. Experiências de vida e formação. Tradução de José Claudino e Júlia Ferreira. Cortez Editora. SP. 2002.

<sup>296</sup>Queiroz, M.I. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. Von Simson (Org.). Editora Vértice. São Paulo. 1988.

“os sonhos têm a ver com o sonhador, e as narrativas nos remetem ao narrador, nelas igualmente revela-se aquele que as interpreta e busca captar-lhes forma e sentido”, Paulillo (2009) <sup>297</sup>.

Nesse contexto, Venancio (2008) vai mais além, e chama a atenção para a situação de que:

No entanto, é preciso atentar para os relatos orais registrados por mim que, mesmo carregando na escrita a oralidade que os produziu, perderam, muitas vezes, a variação de tonalidade, o olhar e os gestos que os coloriram. Afinal, a marca de quem narra está presente na sua própria *performance*, pois a história que conta é mergulhada em sua vida. O modo como conta constitui-se de um conjunto de gestos, expressões e entonações singulares. <sup>298</sup>

Ponderamos ainda, que uma entrevista obedece quase sempre a uma variante da história, de um dos lados alguém sempre “*se conta*” ou conta-se a alguém de modo concreto e numa certa conjuntura, como indica Le Grand <sup>299</sup> (1988). Daí que a própria história está condicionada a certa “*anamnese*”, no sentido de uma da linha de questões, ou em outros termos, permanece-se diante de uma construção seletiva que considera especialmente a memória, a lembrança e as representações. Do outro lado, o entrevistador conduz a entrevista segundo os escopos definidos previamente pela própria ideia da investigação e busca de compreensão.

Não se trata por isso, de ouvir uma narrativa qualquer, ou uma história sem sentido na estrutura que se apresenta, mas de ouvir uma narrativa sobre uma realidade, que segue um desenho elaborado pelo próprio sujeito da pesquisa, daí é que se pode perceber que esses são, na verdade, os alicerces do conhecimento do “mundo da vida cotidiana”, se não, os fundamentos do conhecimento do mundo da vida, perderiam o sentido, visto que, o conhecimento da realidade não se daria pela via do emprego de ferramentas.

<sup>297</sup>Paulillo, M. A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. Disponível em: [www.ssrevista.uel.br](http://www.ssrevista.uel.br). Capturado em: Novembro de 2009. (s/p).

<sup>298</sup>Venancio, B. P. Pequenos espetáculos da memória: registro cênico-dramatúrgico de uma trupe de mulheres idosas. Aderaldo & Rothschild Editores. SP. 2008, p. 28. (Grifo da autora).

<sup>299</sup>Le Grand, J. L. Histoire de vie de groupe. À la recherche d'une 'lucidité méthodologique'. In: Sociétés, revue des sciences humaines et sociales. N° 18. Editora Masson. Paris/FR. 1988, pp. 3-4.

#### 5.4. Grupo focal

Lançamos mão do recurso do grupo focal como mais um modo de tecer uma teia de narrativas considerando sempre o mesmo tema, qual seja a necessidade de oferta de cuidado pela pessoa idosa; a execução do mesmo pelos familiares e suas implicações no mundo da vida desses cuidadores, com os prováveis reflexos naqueles que necessitam de cuidado.

O grupo referido não se constituiu por força deste estudo, pelo contrário, o grupo para cuidadores foi criado na primavera de 1997, e, desde então, vem objetivando “contribuir com a melhoria da qualidade de vida desses cuidadores”<sup>300</sup>.

O mencionado grupo já existe, e, é para os cuidadores, trata-se de um lugar onde o sujeito se encontra com outros iguais, onde se estabelece uma relação de troca de experiências e de afetos. É por meio desta troca que se tem obtido sucesso no que diz respeito a modificações na relação dos cuidadores com os idosos; transformações na percepção do sentido de cuidar; em tornar o cuidador mais seguro no modo de cuidar, na medida em que sua vivência é “parecida” com a de outras pessoas, além de sentirem-se mais serenos na execução do cuidado, visto que obtêm elementos importantes a respeito das alterações provocadas pelas enfermidades e suas realidades se parecem com outras realidades.

Para Franca<sup>301</sup> (2004): “neste tipo de grupo se desenvolve o aprendizado para lidar com seu doente, vizinhos e familiares encontra também no grupo o espelho no qual vê a face marcada pela dor – do outro e a sua. Dor de cuidador que precisa ter sua dor cuidada”.

O grupo focal é conhecido como um método de pesquisa extremamente útil nos estudos exploratórios, a ele são aplicadas várias denominações, contudo, apesar das variações na sua nomenclatura, as alterações são mínimas nos seus procedimentos.

---

<sup>300</sup>UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Hospital Universitário Clementino Fraga Filho. Serviço de Clínica Médica. Setor de Geriatria. Projeto Grupo de Ajuda Mútua dos Cuidadores de Idosos com Doença de Alzheimer e outras Confusões Mentais – Objetivos –. Setembro. RJ. 1997.

<sup>301</sup>Franca, D. C. Cuidando do cuidador: atendimento psicológico no apoio do doente de Alzheimer. *In: Psicologia – Ciência e Profissão: Diálogos*. Ano 1. Nº 1. Brasília. Abril de 2004, p. 52.

Trata-se ainda de uma técnica rápida e de baixo custo com capacidade de fornecer uma riqueza muito grande de apreensões. Tem como fim apreender as revelações das percepções dos participantes sobre os assuntos a serem discutidos. Minayo (2000) indica ainda, que o grupo focal pertence à categoria mais geral de pesquisa aberta ou não estruturada, que visa colocar as respostas dos sujeitos no seu próprio contexto. E, chama atenção para o fato de que:

O grupo focal consiste numa técnica de inegável importância para se tratar das questões da saúde sob o ângulo do social, porque se presta ao estudo das representações e relações dos diferenciados grupos profissionais da área, dos vários processos de trabalho e também da população.<sup>302</sup>

Minayo (2008) como outros autores considera o grupo focal como uma qualidade de entrevista em grupo, o que não quer dizer que se processe uma dinâmica entre perguntas e respostas, mas ao contrário, neste formato de encontro, a essência está justamente em se apoiar na interação entre seus participantes para colher apreensões, mesmo que a partir de tópicos que podem ser fornecidos pelo pesquisador. Uma vez conduzido, o material obtido vai ser a transcrição de uma discussão em grupo, focada em um tema específico, daí o nome “*grupo focal*”.

De um modo geral, os integrantes do grupo possuem ou devem possuir algumas características em comum, por exemplo, compartilharem de situações que se assemelham, ou pertencerem a um grupo de pessoas com peculiaridades que fazem com que se percebam com afinidades entre si.

Outra característica está relacionada ao número de profissionais que participam de sua moderação, visto que aquele que modera não se apresenta ao mesmo tempo em que aquele que relata. E, mais, o profissional que relata não interfere na dinâmica enquanto lhe persistir a incumbência de relator.

Leva-se em consideração também que na participação em grupo as narrativas se encadeiam e os participantes percebem que muitas vezes se assemelham daí a esperança de que situações até então não reveladas ou explicitadas por eles possam ser narradas numa mistura de diferenças e semelhanças que os transformam também em semelhantes e diferentes.

O que se defende é que o próprio pesquisador coordene as reuniões dos grupos focais, na medida em que, “a proximidade, o estudo e o conhecimento do

---

<sup>302</sup>Minayo, M. C. de S. O desafio do conhecimento. 5ª edição. Editora Hucitec. SP. 2000, p. 129.

objeto de investigação são de fundamental importância para o bom desenvolvimento da técnica”, como sugerem Neto *et al*<sup>303</sup> (2001), do mesmo modo, a participação do pesquisador no processo de debate é percebida como essencial para a compreensão das informações alcançadas.

Ainda são Neto *et al* (2001) que conduzem quanto ao que eles denominam “*Roteiro do Debate*”, para os autores este é:

O parâmetro utilizado pelo mediador para conduzir o Grupo Focal. Não sendo um instrumento monolítico e estático, sua elaboração envolve a pontuação dos tópicos que serão discutidos no grupo, a fim de que as sessões estejam bem direcionadas e nenhum tema deixe de ser mencionado, servindo, pois, como meio de orientação e auxiliar de memória.<sup>304</sup>

Este roteiro deve estar relacionado diretamente aos propósitos do estudo, daquilo que se pretende conhecer, assim, deve ocorrer antecipadamente à definição das questões que o irão compor. Contudo, o roteiro é maleável e tem boa capacidade de adaptação, por isso, aceita que sejam incorporados novos elementos às questões previstas. Ainda sobre o roteiro para grupo focal, Minayo<sup>305</sup> (2008) chama a atenção para o fato de que a sua construção “tem pelo menos duas condições imprescindíveis: ser suficientemente provocador para permitir um debate entusiasmado e participativo: e promover condições de aprofundamento, fazendo juz ao que se pretende com esta técnica”.

No processo de análise dos relatórios produzidos a partir da transcrição das gravações das reuniões há que se cuidar para fazer a distinção entre o que é interessante e o que é importante, com essa atitude o pesquisador sustentará o foco daquilo que o motivou a processar um trabalho com os grupos. E, ao fazer a manutenção da proposta inicial se responsabiliza pela sustentação do motivo gerador do estudo porque afinal, suas histórias são na verdade a história de suas vidas e ao mesmo tempo porque suas vidas são repletas de história.

Com a finalidade de dar continuidade à intenção de conhecer “o mundo da vida” dos cuidadores dos idosos assistidos pelo Setor de Geriatria um instrumento já utilizado no Ambulatório do Setor será analisado. Trata-se do Inventário de

<sup>303</sup>Neto, O. C. et al. Grupos focais e pesquisa social: o debate orientado como técnica de investigação. Editora Fiocruz. RJ. 2001, p. 9.

<sup>304</sup>Idem, p. 10.

<sup>305</sup>Minayo, M. C. de S. O desafio do conhecimento. 11ª edição. Editora Hucitec. SP. 2008, pp. 192-193.

Sobrecarga do Cuidador em Familiares de Idosos com Demência – **Zarit**<sup>306</sup>, que avalia o impacto das atividades dos cuidadores nos campos físico psicológico e social. Esse instrumento foi desenvolvido também para medir a carga subjetiva entre os cuidadores de pessoas adultas com confusão mental. Seus itens analisam encargos associados a dificuldades funcionais, deficiências comportamentais e a circunstância de atendimento no domicílio.

Não é difícil a compreensão de que as pessoas idosas com demência demandem uma quantidade generosa de assistência. Desse modo, conforme sugere Karsch<sup>307</sup> (1998), muitas serão as vezes que a família será forçada a fazer um reexame das atribuições e das funções dos seus membros nas tarefas do dia a dia.

Assim, é prudente que a sobrecarga do cuidador deva ser considerada como uma dimensão importante das doenças crônico-degenerativas, da Doença de Alzheimer ou outra desordem mental, o que torna necessário o emprego de escalas objetivas para observar a possibilidade da existência dessa sobrecarga.

Críticas têm sido feitas sobre ao modo de avaliar tanto a qualidade de vida quanto a de saúde das pessoas idosas que se restringem a uma aferição de seu estado físico e mental e as consequências destes, no desempenho das atividades de vida diária. As avaliações, conforme as críticas precisam considerar ainda as condições econômicas e sociais, além da situação ambiental como um todo.

Daí que é imprescindível uma avaliação não apenas multidimensional, que forneça uma visão global da situação social e de saúde da pessoa, mas que leve em consideração a questão do entendimento que cada pessoa tem dos fatores que lhes são pertinentes, dito de outro modo, o que constitui ser idoso, de que compõe seus papéis sociais; o que representa ser autônomo e qual a visão dos fatores que a afetam; o que representa ter saúde; qual a importância da qualidade de vida, entre outras. .

Não é difícil de perceber que o Inventário **Zarit** é um documento que pode ser visto como aquele que, com boa margem de possibilidade, terá seu resultado em função de outros resultados como daqueles referentes às Atividades de Vida Diária – AVD's e as Atividades Instrumentais de Vida Diária – AIVD's e que

---

<sup>306</sup>Zarit, S. H.; Orr, N.K.; Zarit, J. M. As vítimas ocultas da doença de Alzheimer, as famílias sob estresse. Imprensa da Universidade de Nova York. NY. 1985.

<sup>307</sup>Karsch, U. M. S. Envelhecimento com dependência: Revelando os cuidadores. Edu Editora. SP. 1998.

revelarão a condição de estresse e de sobrecarga dos cuidadores. Fizemos, portanto a leitura desse material pré-existente no nosso campo de investigação, de forma a melhor compreender a repercussão da sobrecarga cotidiana dos cuidadores.

## **5.5. Os sujeitos da pesquisa e os critérios de inclusão**

Tomar pessoas como sujeitos é uma premissa para este ou qualquer outro estudo que tenha como proposta a descoberta do mundo da vida. Para Alberti <sup>308</sup> (1990) a escolha de pessoas a serem entrevistadas numa pesquisa deve respeitar determinados critérios, deve-se levar em conta a possibilidade de entrevistá-las; se observar a existência de fatores que impeçam a sua participação; o alcance dos objetivos da pesquisa; o método a ser utilizado; a abordagem qualitativa e, ainda, o conhecimento prévio sobre o objeto de estudo da pesquisa.

Ainda é Alberti (1990), que chama a atenção para o fato de que: “é sempre preferível que se possam escolher entrevistados que dispõem a revelar sua experiência em diálogo franco e aberto” <sup>309</sup>.

Alberti (1990) recomenda que a melhor maneira de escolher as pessoas a serem entrevistadas é, inicialmente, procurando as que manifestam disposição em participar da pesquisa e do mesmo modo, declarar suas experiências em diálogo aberto e que, em relação ao tema do estudo possam oferecer informações substantivas e reservadas, daí nossa escolha quanto aos sujeitos da pesquisa.

A seleção para a inclusão dos sujeitos na pesquisa atendeu a certos critérios constituídos com antecedência, que considerou, inicialmente, aquelas pessoas que já foram cuidadoras e aquelas que permanecem com essa incumbência. Permaneceram unicamente os que são cuidadores que pertencem à própria família. Além, é claro, daqueles cuidadores que concordaram em participar da pesquisa e apresentavam qualidades e condições de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

---

<sup>308</sup> Alberti, V. História oral: a experiência da CPDOC. Editora da Fundação Getúlio Vargas. RJ. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. 1990.

<sup>309</sup> Idem, p. 14.

Desse modo, para este estudo foram considerados cuidadores familiares as pessoas com grau de parentesco ou que, por proximidade afetiva ou física, estiveram ou estão cuidando dos idosos com necessidade desta oferta, desde que não sejam remunerados para esta atividade. Esses critérios foram utilizados tanto para as entrevistas, quanto para as reuniões dos grupos focais.

Parafraseando Venancio <sup>310</sup> (2008) o fio da lembrança muitas vezes deverá ser puxado, primeiro pela própria dificuldade que existe de se fazer essa volta às coisas da vida e depois, porque nestas circunstâncias, o presente é muito presente.

Do exercício da lembrança com certeza surgirão histórias contadas, mas, para este acontecimento será necessário que muitos elementos sejam combinados. A fala e o seu modo de acontecer deverão ser admiráveis, contudo é importante lembrar, que o exercício do que machuca do que entristece influencia na materialização desta fala mesma.

Para legitimar nossa percepção quanto a essa influência recorreremos novamente a Venancio <sup>311</sup> (2008) que mencionando Maurois <sup>312</sup> (1929), chama a atenção para a percepção de que:

Lembranças que machucam, ou as esquecemos ou as transformamos aos poucos. Inicialmente, de maneira consciente, vamos construindo um relato mais enfeitado. Com o passar do tempo, vamos lembrando apenas do que contamos e não mais do acontecido, que vai se tornando cada vez mais pálido.

Reveladores de suas histórias, os cuidadores virão a um mundo de estudo naquilo que lhes é mais reservado, mais íntimo, daí a oportunidade de podermos apresentar as pessoas que fizeram parte do primeiro momento do estudo, ou seja, aquelas que participaram das entrevistas. Trata-se, de doze pessoas cuidadoras de idosos dependentes, entre essas, encontraram-se *dez mulheres e dois homens*. Enquanto no segundo momento, ou seja, nas sessões de grupo a média de participantes foi em torno de 13 cuidadores por sessão, sendo 37 mulheres e 18 homens, dessas foram separadas doze pessoas em função da participação em, no mínimo duas sessões, desse modo, foram separados dois homens e dez mulheres.

<sup>310</sup>Venancio, B. P. Pequenos espetáculos da memória: registro cênico-dramatúrgico de uma trupe de mulheres idosas. Aderaldo & Rothschild. SP. 2008.

<sup>311</sup>Idem, p. 64.

<sup>312</sup>Maurois, A. Aspects de la biographie. Au Sens Pareil. Paris/FR. 1929.

## 5.6. Considerações Éticas

Para a realização deste estudo foram obedecidos os princípios éticos da Resolução 196/96 do CNS do Ministério da Saúde – MS, que dispõe, através da CONEP, sobre as Normas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos no Brasil. Para tanto, a pesquisa foi iniciada após aprovação pelo CEP da Faculdade de Medicina da UFRJ e do HUCFF também da UFRJ, sob o protocolo Número 26/2010 – CEP. Aprovado na reunião de 08.07.2010 (Anexo A) enquanto a autorização da solicitação feita à Instituição para a realização da pesquisa também se encontra no (Anexo B).

Obedecendo ainda a mesma Resolução, na indicação da proteção da identidade dos participantes, os cuidadores que participaram das entrevistas tiveram seus nomes resguardados e passaram a ter nomes fictícios, para isso definimos que, o primeiro homem entrevistado seria identificado como *Luiz* e o segundo como *José*, as mulheres teriam seus nomes seguindo a ordem alfabética. Desse modo a primeira entrevistada seria a partir de então *Ana*, a segunda *Bárbara*, a terceira, *Carolina*, a quarta *Débora*, a quinta *Elisabete*, a sexta *Fátima*, a sétima *Gabriela*, a oitava *Heloísa*, a nona *Iracy* e a décima *Juliana* quando da apresentação e análise das entrevistas, seguindo a mesma orientação dada anteriormente quando se traçou o perfil desses cuidadores.

No que diz respeito aos grupos focais, foram realizadas cinco sessões e, do mesmo modo que apresentamos o perfil dos cuidadores no primeiro momento da entrevista, também o faremos com os cuidadores participantes das reuniões do grupo focal, contudo, o faremos com os doze cuidadores selecionados conforme a participação nas reuniões.

## 5.7. Estratégias e desenvolvimento do estudo

Como revelado, o estudo se desenvolveu por meio de dois processos diferenciados, a entrevista e o grupo focal, além de leitura de documentos oficiais disponíveis no campo.

Após a aprovação do projeto, pelo CEP da instituição principiamos uma aproximação dos cuidadores com o tema e a importância da participação dos mesmos tanto nas entrevistas quanto nas reuniões.

A estrutura construída para as entrevistas é relativamente flexível e foi reajustada após realização de duas entrevistas realizadas como pré-testes, antes de partir verdadeiramente para o campo. Para as sessões do grupo focal foram utilizados os dias e horários marcados previamente para as reuniões de grupo, sendo explicado que as sessões se dariam com roteiro semi estruturado.

Utilizamos um roteiro de questões com os temas sugeridos pela literatura, para atender os objetivos do estudo, que intitulamos “Roteiro da Entrevista Semi Estruturada Individual”, (Anexo C) e foi empregado durante o processo das entrevistas individuais e dos grupos focais como estratégia orientadora do pesquisador. Das vinte e sete questões apresentadas retiramos quatorze questões estratégicas orientadoras para as reuniões do grupo focal, destas, nove serviram de base para estimular as sessões (Anexo D).

Utilizamos também uma estrutura para a constituição do perfil tanto dos cuidadores entrevistados quanto dos participantes do grupo e que intitulamos “Roteiro para o Perfil dos Cuidadores” (Anexo E). Para esta elaboração consideramos principalmente nossa intenção, por isso o roteiro foi elaborado de modo a permitir que as pessoas falassem de modo mais livre, sem se restringirem às questões propostas, também utilizamos este roteiro para construir o perfil dos cuidadores participantes das reuniões do grupo focal.

Ao utilizarmos os documentos oficiais da instituição lidamos com os mesmos numa perspectiva de recolha da memória, na medida em que existia o propósito de conhecê-los em suas exterioridades objetivas e subjetivas.

Os dois Termos de Consentimento Livre e Esclarecido aplicados tanto para a atividade de entrevista quanto para as sessões do grupo focal encontram-se nos Anexos F e G.